



Fotos Iran Correia

RUMO AO ABISMO Seqüência da peça "Nijinsky", apresentada no Festival de Teatro de Curitiba: desempenho valeu a Luís Mello a indicação ao Prêmio Shell, concorrendo na categoria de melhor ator

Nijinsky e a liberdade que a loucura dá

Indicada nesta semana para o Prêmio Shell, a peça baseada na vida do bailarino russo passa pelo crivo do olho crítico

CRISTIANE MARTINS BORGES
ESPECIAL PARA O ANEXO

Embora a peça "Nijinsky" não apresente um número no mínimo razoável de referências sobre a vida e obra do bailarino russo — ainda que o texto tenha sua base nos manuscritos do artista, escritos em 1919 —, fica claro, na direção de Rossella Terranova, a intenção de oferecer não um panorama biográfico, mas sim um espetáculo que nos revele as sensações intrínsecas do artista durante o seu estado de loucura e criação, nos momentos que antecederam a sua última dança: a coreografia apresentada no Recital da Cruz Vermelha, que foi algo intenso, chegando a causar mal-estar na platéia. Analisaremos aqui a apresentação realizada durante o Festival de Teatro de Curitiba, em março.

Mesmo compreendendo a opção da direção, não creio que um espectador destituído de qualquer referência sobre o bailarino deixe o teatro com alguma idéia sobre o seu gênio. Analisando-o, porém, como o drama de um artista (independente de

sua identidade) que se vê frente a frente com seus conflitos e com a sua loucura, levando-o ao término de seu contato com a dança (em um sentido mais amplo), "Nijinsky" é um espetáculo belo e respeitável. Pobre em referências, porém rico em expressividade corporal-interpretativa. Percebemos na interpretação de Mello não o grande artista que revolucionou o balé de sua época, mas o homem amedrontado e a relação deste ser com a sua condição mítica em contraposição à sua fragilidade humana.

IMERSÃO TOTAL

Penso ser esta a proposta do espetáculo. O processo do conflito interno e angustiante da genialidade de Nijinsky se convertendo em loucura não foi explorado. Vemos o artista já imerso em um universo um tanto desconexo, em busca da autoafirmação que lhe dê alguma segurança ou alívio psicológico e lhe proporcione uma utópica fuga de sua condição. Os elementos dramáticos são explícitos na relação do ator/personagem com o seu espaço. A sono-

plastia, que apresenta Igor Stravinski, marca a relação criativa com este espaço.

O ato de escrever também se mescla com o instinto criador do bailarino-coreógrafo. Suas revelações, medos e angústias mostram-nos a densidade de suas emoções submersas na solidão e nostalgia de suas lembranças. Dentre estas, aparecem rápidas citações sobre o seu relacionamento com Diaghilev, seu antigo empresário e amante, seu casamento frustrado e a loucura de seu irmão. Estes fatos têm relevante importância no tocante aos distúrbios psicológicos de Nijinsky. Ele afoga-se em si mesmo, teme aos que lhe chamam de louco, crê-se Deus, mergulha em sua própria utopia. Toda atitude é permitida na liberdade da loucura, até mesmo assumir-se louco, preparar sua história para a posteridade e partir para uma viagem mais profunda — e talvez desumana — em si mesmo.

O cenário apresenta certa desarmonia com a placa/estrutura metálica erguida ao fundo do palco, embora a iluminação esteja bem integrada ao restante do cenário. A "estrutura metálica" incomoda durante todo o espetáculo, fazendo-nos questionar a sua utilidade contextual. No final da peça, descobrimos a sua utilidade: representa a entrega de Nijinsky à sua loucura, o seu definitivo adeus à dança.

Terminado o espetáculo, a platéia — não sei ainda se em estado de catarse ou euforia pelo ator global e também curitibano

— ovaciona delirante em meio à gritos de "bravo!". Sem dúvida, a montagem é muito competente e tem os seus méritos, mas são perplexa diante de tanta euforia. Sinto-me insensível por não apresentar a mesma reação dos demais espectadores e tento refletir a razão de tudo isso. Talvez desejasse conhecer um pouco mais a fundo Nijinsky, talvez ainda não tenha percebido que, na forma em que se apresenta, o espetáculo é muito mais denso.

QUESTÃO ESTÚPIDA

Em tempo: duas semanas após a apresentação, encontrei o livro com a peça "Nijinsky" (de Naum Alves de Souza, Civilização Brasileira, 1989), a qual é rica em referências biográficas do artista, e esclarecedora sobre certos pontos que ficam um pouco obscuros no filme de Herbert Ross, intitulado "Nijinsky, a Real History", de 1980. Creio, portanto, ser esta uma das razões que levaram Rossella Terranova a optar por um enfoque menos abrangente e mais intimista da vida do bailarino. Questiono-me, agora, se não é um tanto estúpido ter que encontrar porquês para a obra ser da forma que é.

Talvez devesse apenas propor-me a aceitá-la na concepção escolhida pela direção, analisando-a sob o mesmo enfoque. Quem sabe daqui a duas semanas encontre uma resposta.

■ CRISTIANE MARTINS BORGES
é crítica teatral